

Identidades sexuais e de gênero nas e nos adolescentes de hoje

Beatriz Janin,¹ Buenos Aires

A identidade sexual e a de gênero são construídas ao longo da infância e adolescência, sendo marcadas pelos desejos e proibições dos pais, pela história dessa família, pela maneira através da qual isto se inscreveu no sujeito e pelos valores da sociedade em que ele vive. Também a escolha de objeto sexual irá se configurar por meio de um percurso em que os rastros dos desejos dos outros e a trama edípica vai delineando escolhas possíveis, marcadas, por sua vez, por um meio sociocultural.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Escolha de objeto; Pulsões, Adolescência

¹ Psicóloga. Psicanalista. Diretora das especializações em Psicanálise com Crianças e em Psicanálise com Adolescentes da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Professora de pós-graduação na Universidade Nacional de Rosario e na Universidade Nacional de Córdoba.

Nascemos com um corpo e somos identificados pelos outros como mulheres ou homens – atribuem a nós características ligadas à identidade sexual, compram-nos brinquedos compatíveis com tais características, vestem-nos de determinada maneira... Contudo, isto vai sofrendo mudanças ao longo da vida. Os outros nos enxergam de um modo e iremos nos vendo nesse espelho, mas poderemos modificar essa imagem...

Constituímo-nos como sujeitos não só em uma família, mas também em uma determinada sociedade, e nossos desejos e ideais serão modelados pelos valores dessa sociedade e também pelas representações sociais de feminilidade e masculinidade. Ao mesmo tempo, as representações de outras épocas continuam agindo em cada um de nós na medida em que vão sendo herdadas como normas e ideais que, muitas vezes, são incongruentes com o momento em que nos toca viver. Quer dizer, a identidade sexual, a identidade de gênero e a escolha de objeto sexual não estão dadas de início, mas são construídas ao longo da infância e da adolescência.

Nossos corpos e o olhar sobre eles foram modelados conforme a representação que se tem deles. Vemo-nos de acordo com a representação social de gênero, de beleza e de saúde de cada família e de cada época.

Tal fato nos leva a pensar as novas formas que a sexualidade toma nos adolescentes de hoje como efeito do intercâmbio das pulsões, identificações e proibições que cada um pôde forjar no âmbito da imbricação dos legados familiares, das marcas que as vivências foram deixando neles e na sociedade em que vivem (em especial o grupo social de que fazem parte). História pessoal, familiar, transgeracional e social se entrelaçam na estruturação subjetiva.

E há algo que precisamos levar em conta quando falamos de adolescência: é a época da vida em que os valores sociais, o grupo de iguais e o suporte narcisista do meio ganham maior importância. Ao abandonar a imagem idealizada dos pais, já não é suficiente a sua aprovação e, então, será necessário que outras instâncias (grupos de iguais, escola, clubes...) valorizem essa ou esse adolescente.

Da época vitoriana à atualidade ocorreram várias transformações, principalmente no lugar da mulher. Isto leva a muitas defasagens entre o que os pais e adultos em geral esperam e o que os adolescentes vivem como desejável. Na década de 60, os pais se espantavam com a liberdade sexual das filhas e, hoje, se horrorizam com a bissexualidade e com o sexo “*touch and go*”.

Há contradições que surgem como resultado destes ideais contrapostos: ao mesmo tempo que, no funcionamento psíquico de muitos homens, continua se seguindo com a oposição infantil mulher-mãe-irmã e mulher-sexuada-prostituta,

as mulheres vão se definindo como seres desejantes, circunstância que cria sérias dificuldades nos vínculos intersubjetivos e na transmissão de modelos para ambos os sexos. O homem conquistador decai, algo que deixa muitos meninos e adolescentes sem representações claras da masculinidade.

Talvez o fato de que as e os adolescentes de hoje acham que podem escolher se querem estar com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto – e que também podem se transformar em homem ou mulher conforme assim desejem –, implique propor novos caminhos como um modo de inventar formas alternativas para recobrar o erotismo em um mundo em que, nas palavras de Byung-Chul Han (2014), o Eros desapareceu diante da imposição do lucro.

É possível que, em um mundo no qual prevalece a sobrevivência, os adolescentes ampliem as margens de suas escolhas.

Tal constatação abre perguntas: é a busca do idêntico a si mesmo ou é a ampliação do mundo? É uma expressão de “não há limites para meus desejos”, com aquilo que existe de mortífero em uma certeza que anula a possibilidade de desejar, ou temos que pensar nisso como uma busca para encontrar o outro de um modo diferente, apagando os estereótipos clássicos?

Também podemos pensar que, em uma época em que *vale tudo* e se anulam as fronteiras entre o desejado e o possível, as fantasias necessitam se tornar realidade.

Indubitavelmente, encontramos-nos diante de uma espécie de mudança muito importante.

Por um lado, fica visível algo que a clínica vem nos mostrando: a biologia não é destino, e não determina nem o gênero nem a escolha do objeto sexual.

E, ao mesmo tempo, está se colocando em jogo grande parte daquilo estabelecido como *dado* em relação à escolha de objeto. Muitas pessoas propõem a escolha de outras *personas* independentemente de sua identidade sexual. Assim, uma frase que escuto com frequência no consultório é: “Não sou lésbica. Eu não estou apaixonada por uma mulher, e sim por ‘ela’”. Outra hora posso me apaixonar por um homem”.

Mas, como psicanalistas, sabemos que há uma história pessoal entrelaçada com a história social, algo que marca e que leva cada sujeito a ir forjando seu próprio caminho. Os modelos de identificação são transmitidos muito antes de que a criança tenha ideia de tempo e de história. Os heróis de seus pais e desse grupo social terão um peso importante em suas escolhas.

Talvez algumas destas questões possam ser vistas na consulta de um menino de cinco anos: os pais de A trazem-no para a consulta porque o menino tinha ataques de fúria. Muito inteligente, não possuía bons vínculos com os outros meninos

e apresentava dificuldades para evacuar no vaso sanitário. Os pais haviam se separado já fazia algum tempo. O pai falava pouco e devagar, quase podia passar despercebido, em um tom de tristeza permanente. Em algum momento, pôde dizer que tem ideias suicidas. A mãe, muito vital, ocupava o espaço e tomava todas as iniciativas. O vínculo entre ambos era harmônico e carinhoso, mas totalmente assexuado. Uma das preocupações do pai (não da mãe, que aceitava a coisa como uma das características de seu filho sem manifestar preocupação) era que o menino preferia as brincadeiras com bonecas, queria se vestir como menina e experimentava constantemente a roupa da mãe. Nas sessões, insistia no assunto: “Quero ser uma menina. Gosto mais de ser menina”.

Trabalhamos durante um bom tempo, tanto com o menino quanto com os pais. O menino foi se sentindo muito melhor, e as agressões e as dificuldades para evacuar cederam, mas insistia em sua preferência de se vestir como mulher, embora deixasse de dizer que queria ser “menina” e se relacionasse melhor com outros meninos.

A análise terminou quando o menino tinha 8 anos. Nesse momento, ele se vestia de modo masculino e estava contente, com amizades de ambos os sexos e um rendimento acadêmico muito bom na escola. Falava de que havia desejado ser mulher como algo do passado, de sua infância, e podia refletir sobre diferentes assuntos. Tinha mais independência de ambos os pais, e o grupo de amigos e amigas ganhara maior importância.

Dez anos depois, voltaram a me pedir uma consulta. A já era um adolescente, apresentava um desempenho escolar brilhante e vinha fazendo escolhas homossexuais, algo revelado aos pais quando tinha dezesseis anos, sentindo-se muito aliviado por falar. A mudança de gênero deixara de ser uma questão, bem como a ideia de se vestir com outras roupas. Definia-se como homem com uma escolha de objeto clara. Depois que o adolescente revelou a sua escolha de objeto sexual, o pai contou para a ex-mulher e para o filho que ele fizera o mesmo tipo de escolha.

Podemos pensar: com quem este menino podia se identificar durante sua infância quando a mãe aparecia como poderosa e vital, ao passo que o pai mostrava a sua debilidade psíquica? Como forjar seu Ego-pele se não com as roupas maternas? Isto foi cedendo, e o menino não necessitou manter uma identidade feminina como identidade de gênero, mas sim uma escolha de objeto homossexual, o que, por outro lado, denotava a identificação com o pai e seus aspectos ocultos. Penso que, ao deixar esta trajetória se desenrolar, o fato de não ter proibido as escolhas de A foi facilitado pela análise, mas também por uma época em que a equação sexo biológico-gênero-escolha sexual declinou socialmente. É um aniquilamento de

diferenças baseado na desmentida ou é um novo modo de conceber as diferenças?

Podemos dizer que qualquer época cria identidades de gênero e sexuais por diferentes vias de identificações.

Em outros tempos, as mulheres que queriam mostrar sua produção, ou se destacar em alguma área, vestiam-se de homens. Assim, para ser correspondente de guerra, médica ou músico de *jazz*, existiram mulheres que tomaram a identidade de homens. Respondiam a uma diferença que se baseava na ideia de superioridade do homem sobre a mulher, e isto levava a muitas proibições para as mulheres trabalharem em quase todos os âmbitos públicos. Nesse momento, ser homem, transformar-se no outro sexo tomando emprestadas suas roupas e seus nomes, era uma atitude de independência. Nos dias de hoje, existem meninas que querem ser meninos porque continuam sentindo que os homens gozam de uma liberdade que lhes é negada. Contudo, o que desejam não é estritamente a masculinidade, e sim as suas vantagens sociais (principalmente em famílias tradicionais).

Como compreender o que acontece a um adolescente que diz: “Eu quero ser menina” (sendo homem) ou “Eu quero ser homem” (sendo menina)? Acredito que o mais importante seja pensar, caso a caso, em quais são as possíveis vicissitudes que levaram a estas ideias, sensações, afetos... Dissemos que, na representação que cada um possui acerca de si mesmo como ser sexuado e pertencente a um gênero, significou um papel importante não só o olhar que os pais tiveram sobre uma ou outro, mas também seus desejos inconscientes e as representações a partir das quais eles situam a diferença entre homens e mulheres.

Histórias múltiplas... e valores sociais, além de identidades vistas como positivas nesse grupo social, modelos e heróis desse momento histórico, também são elementos que vão oferecer identificações possíveis às e aos adolescentes.

Não é estranho que uma menina manifeste o seu desejo de ser menino porque sente que o mundo foi forjado para os homens.

Assim, uma menininha de onze anos, de uma pequena cidade do interior, pede reiteradamente para ser homem. Quando pode falar com a psicanalista, conta que, em casa, o único que possui um lugar é seu irmão, que deixam-no escolher qual esporte praticar, que permitem a ele decidir sobre seu futuro e que ele tem liberdade para dizer o que pensa. Com ela, todo o tempo insistem que, em sendo menina, “precisa ser submissa, simpática e calada”.

Uma paciente de nove anos me diz: “É melhor ser menino, porque as brincadeiras das meninas são chatas. Os meninos se divertem mais e dizem que as brincadeiras deles são para homens para que a gente não brinque. Por isso, eu preferia ser menino”. Não são meninas que querem mudar de gênero nem de sexo,

